

SHAYENE FERNANDES  
THALISON OLIVEIRA

**XIMAN CAMINHOS DA SERRA  
UM RELATO TURISTICO NA SERRA DO  
BRIGADEIRO**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

2016

SHAYENE FERNANDES  
THALISON OLIVEIRA

**XIMAN CAMINHOS DA SERRA  
UM RELATO TURISTICO NA SERRA DO  
BRIGADEIRO**

Memorial referente ao Projeto Experimental apresentado ao curso de comunicação social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Felipe Lopes Menicucci

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo UFV

2016



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Artes e Humanidades  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Ximan Caminhos da Serra*, de autoria dos estudantes Shayene Martins Fernandes e Thalison Lucas de Oliveira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Felipe Lopes Menicucci – Orientador  
Professor do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV  
Mestre em Comunicação Social pela UFJF

---

Prof. Adriano Medeiros da Rocha  
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFOP  
Doutor em Artes: Criação e Crítica da Imagem em Movimento pela UFMG

---

Lídia Helena da Silva Ferreira  
Jornalista  
Mestranda em Comunicação Social na UFOP

Viçosa, 18 de novembro de 2016

## **RESUMO**

Ximan Caminhos da Serra é um documentário sobre a Serra do Brigadeiro que tem como pilar o turismo, que visa divulgar através de um relato as práticas e locais turísticos além da fauna e flora da região. Partindo da ideia da experimentação de um formato menos convencional, o produto audiovisual aqui defendido é um híbrido entre a forma de fazer jornalismo televisivo, em especial a grande reportagem, e o vídeo documentário. Fazem-se uso de alguns elementos gráficos, na expectativa de torna-lo um produto mais atrativo e interessante, entre eles um mapa que tende a mostrar os caminhos percorridos mantendo o espectador informado. É abordado também a inserção de dois repórteres em um mesmo documentário, usando recursos de voz *over*, dos repórteres participantes, que se encontra envolvido nos fatos e dos entrevistadores terem também a função de cinegrafista durante suas ações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário; Projeto Experimental; Serra do Brigadeiro; Jornalismo; Turismo.

## **ABSTRACT**

Ximan Caminhos da Serra is a documentary about tourism, which aims to divulge through an account the practices and tourist sites of the State Park of the Serra do Brigadeiro besides the fauna and flora of the region. Starting from the idea of experimenting with a less conventional format, the audiovisual product defended here is a hybrid between the way of doing television journalism, especially the great report, and the documentary video. Some graphic elements are used, in the expectation of making it a more attractive and interesting product, among them a map that tends to show the paths covered keeping the viewer informed. It is also approached the insertion of two reporters in the same documentary, using voice over resources, of the participant reporter, who is involved in the facts and the interviewers also have the role of videographer during their actions.

## **KEY-WORDS**

Documentary; Experimental Design; Serra do Brigadeiro; Journalism; Tourism.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Índices de Competitividade por Dimensão em Ordem Decrescente de Desempenho – Brasil 2015. (Fonte: FGV/MTur/Sebrae, 2015.) .....	13
Figura 2: Mapa turístico da Serra do Brigadeiro, usado no produto audiovisual. ....	14
Figura 3: Esquema do planejamento de pré-produção, feito pelos membros do projeto. ....	18
Figura 4: Enquadramentos da câmera geral e terceira lente. ....	19
Figura 5: Passadas intercaladas. ....	20
Figura 6: <i>Timelapse</i> do pôr do sol visto de uma janela. ....	20
Figura 7: GC constando créditos dos entrevistados.....	24
Figura 8: Mapa sendo traçado.....	25
Figura 9: <i>Parallax</i> .....	25

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 – O FORMATO DOCUMENTAL E A INTERAÇÃO E IMERSÃO DE REPÓRTERES .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DO TURISMO NA SERRA DO BRIGADEIRO ..</b>	<b>12</b>
<b>3.RELATÓRIO TÉCNICO .....</b>	<b>16</b>
3.1. Pré-produção .....	17
3.2. Produção .....	19
3.3. Pós-produção .....	23
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>26</b>
<b>5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>27</b>
<b>6. ANEXOS .....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

*Ximan Caminhos da Serra* é um vídeo documentário apresentado em forma de um relato turístico na expectativa de apresentar a Serra do Brigadeiro, as práticas e importância do turismo, entre eles o de base comunitária, o mais praticado na região.

O turismo, como veremos mais detalhadamente no decorrer deste trabalho, enquanto setor econômico é um importante gerador de oportunidades de trabalho e renda, além de contribuir na redução das desigualdades regionais e incentivar a cultura local segundo Bartholo, Sansolo e Bursztyn(2009).

O vídeo documentário não se limitará a um recorte específico do turismo na região. Ele tratará o tema em um sentido mais amplo, permitindo a experimentação de linguagens já existentes, aliada às possibilidades de prática de outras formas de conduzir uma narrativa audiovisual. A forma escolhida para a condução do documentário inclui os repórteres como voz ativa e participante das ações.

Dessa forma, pretendemos construir o vídeo por meio de depoimentos, que trarão as informações mais relevantes para o trabalho. Em segunda instância, terá a presença constante do entrevistador (nas entrevistas, atividades etc.) mostrando sua jornada pelo roteiro turístico, na intenção de que nossos olhos conduzam o telespectador. Essa percepção ganha força através da construção da narrativa. É ela quem dará formato ao material. Motta (2005) em seu texto "A análise pragmática da Narrativa Jornalística" trata a narrativa não somente como um modo de traçar uma representação da realidade, mas também uma forma de organizar as ações do processo para formular as estratégias, para que assim o material adquira o contexto que se pretende passar ao destinatário.

Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. Assim, a comunicação narrativa pressupõe uma estratégia textual que enfoque na organização do discurso e que o estrutura na forma de sequências encadeadas. Pressupõe também uma retórica que realiza a finalidade desejada. Implica na competência e na utilização de recursos, códigos, articulações sintáticas e pragmáticas: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário. (MOTTA, p.2 e 3)

Além de a narrativa ter a objetividade de formular efeito de real, Motta realça a importância do jornalista em criar expectativas. A história deve prender o expectador, e ir desenrolando a trama sem revelar de imediato o desfecho das ações. Os personagens e fatos devem ser apresentados de forma que quem está assistindo se envolva com a narração e assim

se torne parte dela, sempre na espera do que virá a seguir. Este produto, enquanto relato turístico, se concentra em transportar o espectador para os lugares visitados, deixando o clímax das atividades para o desfecho da história.

Este relato foi realizado na Serra do Brigadeiro, nas proximidades das cidades de Araponga – MG e Fervedouro - MG. Segundo informações do IEF – Instituto Estadual de Florestas -, o parque foi criado em 1996 e está localizado na região da Zona da Mata. O Parque fica no extremo norte da Serra da Mantiqueira, nos municípios de Araponga, Fervedouro, Miradouro, Ervália, Sericita, Pedra Bonita, Muriaé e Divino.

A unidade de conservação tem 14.984 hectares de onde predominam a Mata Atlântica, montanhas, vales, chapadas, encostas além de diversos cursos d'água que integram as bacias dos rios Paraíba do Sul e Doce. O Parque abriga vários Picos: o do Soares (1.985 metros de altitude), o Campestre (1.908 m), o do Grama (1.899 m) e o do Boné (1.870 m). A altitude e o relevo amenizam a temperatura local e a neblina cobre os picos durante quase todo o ano, formando uma das mais belas imagens do Parque. (PORTAL DO MEIO AMBIENTE / SITE DO IEF 2016)

Dentre estes picos, o mais conhecido é o Pico do Boné, que atrai turistas de várias regiões para a prática de esportes e caminhada. A fauna e a flora bem diversificadas são outros atrativos da região.

A Mata Atlântica, principal formação vegetal da área, está intercalada com os Campos de Altitude e afloramentos rochosos, formando um belo cenário. Considerado um paraíso botânico, o Parque constitui um ecossistema rico em espécies vegetais como bromélia, peroba, ipê, orquídea, cajarana, jequitibá, óleo-vermelho e palmito doce. [...] Nas matas do Parque foram localizados dois grupos independentes de mono-carvoeiro, também conhecido como muriqui, maior primata das Américas, ameaçado de extinção. (PORTAL DO MEIO AMBIENTE / SITE DO IEF 2016)

O objetivo principal deste trabalho consiste no desenvolvimento de um produto audiovisual em forma de documentário, aplicando conhecimentos e técnicas de produção de vídeo, áudio, reportagem e roteiro aprendidos durante o curso de graduação. Para apresentar os pontos turísticos da Serra do Brigadeiro, fizemos uso de depoimentos de proprietários de pontos turísticos e de profissionais e praticantes dos esportes de aventura desenvolvidos na região.

Para isso procuramos experimentar um gênero de produção jornalística/documental que permita a inserção de técnicas presentes tanto na prática jornalística diária quanto na do gênero documentário. Procuramos trabalhar a interatividade entre dois repórteres em um mesmo documentário, ao mesmo tempo em que ambos se inserem nas ações, na expectativa de mostrar um pouco do que seria o olhar de um turista. Pretendeu-se aqui, mesclar o formato de



documentário com essa nova forma interativa que vem sendo testadas em alguns programas televisivos, principalmente nas TVs fechadas como canal *Off* e *Multishow*, mas que também vem ganhando espaço nas TVs abertas como no *Globo repórter* e *Fantástico*.

Aprofundando mais no tema e produto especificado neste projeto, elencamos alguns outros objetivos. Dentre estes estão: divulgar as belezas naturais da Serra do Brigadeiro, como forma de mostrar a importância da preservação ambiental; traçar um pequeno roteiro turístico feito em material audiovisual, mostrando a diversidade de práticas e atividades que podem ser desenvolvidas na região, atraindo assim, mais visitantes para a cidade; refletir sobre a importância do turismo para uma cidade.

## **CAPÍTULO 1 – O FORMATO DOCUMENTAL E A INTERAÇÃO E IMERSÃO DE REPÓRTERES**

O cinema como meio de representação da realidade já se formava desde seus primórdios, em seu surgimento no século XIX. Os irmãos Lumière juntamente com Georges Méliès, são considerados os pioneiros nas experimentações da sétima arte. Os primeiros filmes dos irmãos Lumière retratavam cenas do cotidiano como a chegada do trem na estação ou a saída de operários da fábrica, e viram uma forma de preservar e eternizar momentos. Serafim (2009) aborda o fato de que os filmes dos irmãos Lumière podem ser considerados como modelos do que mais tarde viria a ser o cinema documentário que conhecemos hoje. “Em 1922 temos a realização do primeiro filme documentário, *Nanook do Norte* do estadunidense Robert Flaherty que filma ao longo das estações do ano o cotidiano dos Inuites do norte do Canadá” (SERAFIM, 2009, p.50). A partir de 1930 o cinema começa a ser sonoro, o que possibilita a presença cada vez mais forte do repórter/locutor, que faz uso da voz em *over*<sup>1</sup> para narrar os fatos.

Para a elaboração de um documentário, é preciso primeiro entendê-lo como sendo uma ferramenta comunicacional e o que o difere dos demais gêneros da produção audiovisual jornalístico. Segundo Melo; Gome; Moraes (2001) dois dos principais fatores que diferem o documentário das outras produções, em especial a grande reportagem - que é o material que mais se assemelha ao gênero - é o olhar definido do diretor e a presença de documentos como principal base de formação do conteúdo. Neste caso, registros históricos materiais (jornais, livros, objetos, lugares etc.) e imateriais (a partir da percepção: o agir, comportamento, relatos

---

<sup>1</sup> A voz *over*, também chamada de voz de Deus, é um recurso típico dos documentários em que o narrador está ali para contar a sequência dos fatos sem estar necessariamente ligado à cena.

peçoais, manifestações culturais etc.). Dessa forma, portanto, é possível afirmar que o documentário também se enquadra como um resgate da memória humana.

A caracterização de documentário feita pelos pesquisadores Melo; Gomes; Morais (2001) é a da forte presença do olhar do diretor.

Essa característica implica afirmar que o documentário é um gênero fortemente marcado pelo “olhar” do diretor sobre seu objeto. Ao contrário do que ocorre com os demais gêneros jornalísticos, nos quais se busca uma suposta neutralidade ou imparcialidade, no documentário, a parcialidade é bem-vinda. O documentarista não precisa camuflar a sua própria subjetividade ao narrar um fato. Ele pode opinar, tomar partido, se expor, deixando claro para o espectador qual o ponto de vista que defende. Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia. (MELO; GOMES; MORAIS, 2001, p.5)

Ao reconhecermos que o documentário permite a impressão do ponto de vista do realizador (diretor), passamos a considerar que o conteúdo trabalhado na obra é uma representação da realidade. Nichols (2005) ainda deixa bem clara a diferença entre representação e reprodução do real, onde está última nada mais seria que uma cópia exata de algo existente, mas a partir do momento que este material toma um partido, uma visão, isso passa a ser representação, que é o mais próximo que se chega da realidade através dos olhos do diretor.

[...] ele não é uma reprodução da realidade, é uma reprodução do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original – sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos. Julgamos uma representação mais pela natureza do prazer que ela proporciona, pelo valor das ideias ou do conhecimento que oferece [...]. (NICHOLS, 2005, p.47)

Nichols (2005) também esclarece sobre o documentário de linguagem subjetiva, quando o repórter se faz em primeira pessoa. Isso faz com que o documentário se aproxime do diário, onde o autor é participante das ações e em muitas vezes fala diretamente com a câmera. Esse repórter participante torna-se personagem do próprio filme, segundo Nichols, o que dá ênfase ao seu ponto de vista.

No telejornalismo, podemos encontrar programas que fazem uso dessa linguagem. Um exemplo é o *Profissão Repórter*, exibido atualmente às quartas-feiras pela Rede Globo. Segundo GOMES (2011), o programa tem como ideia base “mostrar a atividade dos jornalistas durante a produção da notícia”. Nele um jornalista profissional, Caco Barcellos, é o

apresentador desempenhando um papel de narrador, repórter e editor do conteúdo. Ele coordena uma equipe de novos jornalistas que vão atrás das histórias e passam a fazer parte das mesmas, adquirindo o status de narradores-personagem.

[...] Barcellos assume, no esquema narrativo, o papel do narrador onisciente, sabe o que vai ser mostrado, apesar de não estar naquela cena. Os outros repórteres são os narradores-personagens. Incluem-se nas histórias, choram, se emocionam. Mostrar os bastidores, na retórica do programa serve para mostrar o desenvolvimento das histórias, colocando os jornalistas como personagens delas. O programa aproxima o jornalismo da sensibilidade, alterando a imagem defendida por certa tradição teórica que pensa que o jornalista tem que ser observador imparcial da realidade. (GOMES, 2011, p.181)

O jornalista como parte dos fatos e do olhar sensível é defendido nas obras de Cremilda Medina, que aponta “o repórter frio e objetivo diante dos fatos já não dá conta das novas exigências impostas pela realidade” (2014, p.11). Ela ressalta a necessidade de o mediador deixar-se se envolver pelas emoções e sensações ao narrar os acontecimentos do mundo, trazendo à tona a veracidade das notícias. Notícias estas que Medina (2014) diz “não se restringe às possibilidades improváveis, mas mergulha no cotidiano, no protagonismo dos atores anônimos [...] e na trama da vida comum” (p.11).

Outro programa que podemos citar aqui, que também faz uso dessa interação, mais assídua com as histórias é o *Vai pra onde?* do canal Multishow. Nele, o apresentador Bruno de Luca se torna protagonista de suas matérias, viajando pelo mundo. Ele é repórter e ao mesmo tempo cinegrafista. Suas entrevistas são embasadas muitas vezes por questões do cotidiano local, e se encerra nas atividades mostradas na matéria.

Consideramos por tanto, Ximan, como um relato audiovisual que aplica conceitos de registro documental e insere a presença de repórteres, como numa grande reportagem. Trata-se, portanto de uma experimentação de um gênero híbrido, atual e que alia técnicas praticadas em grandes emissoras como as citadas acima. Ainda nesta fase de experimentação e na expectativa de dar dinamismo para o produto, este relato se faz uso de dois repórteres personagem que assumem, além da função de informar, a de viver as experiências de forma subjetiva, como se fossem personagens do próprio material. Ter dois repórteres é uma estratégia que assume dupla função: cadenciar a narrativa e inserir a subjetividade. Com mais de uma “voz” - ou, no caso, com mais de um repórter personagem – tem-se uma diversidade maior que enriquece a edição, torna o produto final mais dinâmico e permite a identificação do público que, mesmo assistindo passivamente, é envolvido pela interação de 2 pessoas (ou mais) em cena. Essa relação/interação entre os repórteres é fundamental na construção do documentário.

É na união do olhar dos dois repórteres, que o texto (visual no caso) ganha sentido e transforma-se em narrativa. Nossa relação é subjetiva e singular, assim como a relação repórter e entrevistado.

Mesmo com a proposta de se aproximar ao máximo de elementos baseados na realidade, e de se fazer parte dos fatos narrados, o documentário ainda permite a ampla utilização de cenas ficcionais no intuito de simular fatos, por muitas vezes não terem imagens necessárias para ilustração do que se está sendo dito. Melo; Gomes; Morais (2001) também ressaltam que "os depoimentos constitutivos de um documentário podem ser alinhavados uns aos outros sem a necessidade de que uma voz exterior venha lhes dar coesão" (2001, p.8). Ou seja, não existe a obrigatoriedade de um narrador.

Já o documentário como meio de produção de material turístico é abordado por Santos e Paulino (2010) no trabalho sobre documentário etnográfico. Para eles, o gênero serve como memória ao produto turístico. Ele "permite otimizar a experiência do turista: estimular o olhar, provocar curiosidade e leva-lo a descobrir muito mais sobre o lugar" (2010, p.127). O documentário etnográfico é um método de investigação antropológica e o trata como sendo parte importante do processo turístico. Para Santos e Paulino assistir uma produção audiovisual possibilita uma viagem, é um processo participativo, que permite destacar lugares e intensificar identidade.

Ao reconstituir factos, resgatar obras e revelar lugares (muitas vezes quase esquecidos) o documentário assume um valor social, cultural, educacional e até turístico. De facto, considera-se hoje, que ele pode constituir um poderoso instrumento de mobilização de ações, de criação, preservação e sustentabilidade de produtos turísticos. (SANTOS e PAULINO, p. 127, 2010).

O material audiovisual como parte de uma ação de marketing, estimula as pessoas a novas experiências culturais e de lazer segundo Santos e Paulino, e definem esse tipo de material como não sendo apenas um espaço da narrativa do real, mas da constituição do próprio real.

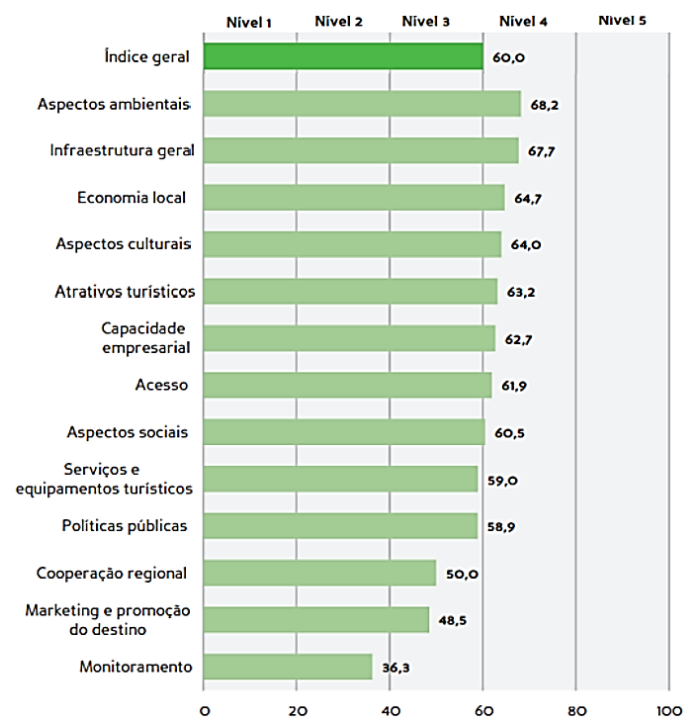
## **CAPÍTULO 2 – A IMPORTÂNCIA DO TURISMO NA SERRA DO BRIGADEIRO**

O turismo tem uma grande importância econômica para um país, cidade ou região. Ele gera emprego e renda, e movimenta toda a "teia" econômica, pois com o aumento do fluxo de

pessoas, aumenta a população dessas regiões turísticas, o que faz com que mais alimentos, bens materiais e serviços do lugar sejam consumidos.

O Brasil representa, hoje, a 9ª economia turística do mundo, segundo o World Travel & Tourism Council (WTTC). Por ano, o turismo movimenta, direta e indiretamente, 9,6% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, ou o equivalente a cerca de R\$ 492 bilhões. Gera em torno de 3 milhões de postos de trabalho em 52 ramos de atividade econômica, como hospedagem, alimentação, agências de viagens, setor aéreo, entre outros, congregando empresas de todos os portes. (Índice de Competitividade do Turismo Nacional, RELATÓRIO BRASIL 2015, p.7)

A Organização Mundial de Turismo (OMT) define o turismo como sendo um "conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares distintos a seu entorno habitual por um período de tempo inferior a um ano, com fins de lazer", ressaltando ainda qualquer atividade realizada que não seja remunerada. O turismo, em sua maior parte, é proporcionado por questões geográficas favoráveis, como vemos no gráfico abaixo:



**Figura 1: Índices de Competitividade por Dimensão em Ordem Decrescente de Desempenho – Brasil 2015.**  
(Fonte: FGV/MTur/Sebrae, 2015.)

É possível observar que as dimensões com melhor desempenho são os aspectos ambientais, infraestrutura geral, economia local e aspectos culturais.

Para a realização do projeto experimental, a escolha da cidade de Araponga e Serra do Brigadeiro se dá, primeiramente, por questões geográficas e de localização. É uma região próxima à cidade de Viçosa e de fácil acesso. E também pelas belezas naturais do lugar, com



Ainda segundo Ruschmann (2008), é preciso encontrar um equilíbrio entre as práticas do turismo e o meio ambiente, “a fim de que a atratividade dos recursos naturais não seja a causa da sua degradação” (p.27). Mas também aponta sua importância como gerador de oportunidades de trabalho e renda para as populações locais. E são estes fatores que fomentam a prática do Turismo de Base comunitária, muito presente na região. Este tipo de turismo é definido de acordo com Bartholo; Sansolo e Ivan (2009), como o segmento onde os produtos e serviços ofertados, são produzidos e feitos por pequenas comunidades locais. O turismo de base comunitária ainda é pouco conhecido no Brasil, mas tem grande importância, levando em conta que sua potencialidade é advinda da diversidade cultural e das belezas naturais de cada região, como aponta Bartholo; Sansolo e Ivan. Eles ainda citam sobre a questão da memória e da cultura, como fatores que formam e fortalecem esse tipo de turismo. “A memória de um lugar é construída a partir das histórias, dos conflitos, dos encontros e desencontros que permeiam a dinâmica e os processos sociais. Esses elementos em constante tensão geram coesões e dissidências que fortalecem o tecido comunitário e o próprio sentido de comunidade” (p.17).

O Turismo de Base Comunitária, também chamado de TBC, ainda segundo a obra de Bartholo; Sansolo e Ivan, faz parte do fenômeno conhecido como TRC (Turismo Rural Comunitário) que corresponde a um segmento que tem como objetivo os “pequenos grupos de viajantes em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras, combinando vivências culturais autênticas, desfrutando de cenários naturais e de uma remuneração adequada do trabalho comunitário” (p.26).

A cidade possui ainda uma cultura bem rica, com diversas histórias, que por vezes dão origem aos lugares turísticos. É o caso da trilha do carvão, onde, segundo relatos constados no livro “Conversa ao pé da Serra: saberes, sabores, casos e causos da Serra do Brigadeiro”, passavam escravos. A partir da observação participante, foi constatado que os restaurantes possuem uma culinária tipicamente mineira, dando sempre preferência pelo fogão de lenha, e são sempre pontos de paradas dos visitantes. A sede do Parque do Brigadeiro também influenciou na escolha do local deste trabalho, que além de ser um ponto turístico, deu suporte para a produção do documentário através de acomodações para a equipe e informações gerais. Como analisado no gráfico anterior, todos estes fatores citados são de grande importância econômica e estão em crescente desenvolvimento.

Analisada a grande quantidade de lugares e atividades a serem observadas, e levando em conta o cunho visual do projeto, uma produção audiovisual seria a melhor maneira de apresentar os fatores citados acima, neste caso, um documentário. Santos e Paulino (2010)

ressaltam o documentário como forma de aprimorar a experiência do turista, estimulando o olhar e provocando a curiosidade. Eles também consideram a produção audiovisual como "instrumento de mobilização de ações, de criação, preservação e sustentabilidade de produtos turísticos" (p. 127).

No texto de Rodrigues (2007), ele faz uma análise sobre o jornalismo turístico, verificando as capas da revista Viagem e Turismo em 2007. Nesta análise ele cita que o turismo e o jornalismo sempre caminharam lado a lado, seja a partir dos “relatos de viagem às novas tecnologias da comunicação” (p.1)

É no século XX que o turismo ganha maior expansão, entrando em sua fase chamada de “turismo de massa” ou “turismo capitalista”. O importante é ressaltar que, a partir do momento em que o turismo entra na sua fase capitalista (passando a ser importante componente do PIB de diversos países e regiões) começa a ser desenvolvido um jornalismo – que talvez possa ser chamado de “jornalismo turístico” – especializado na construção de textos que revelam (e também por isso encobrem) destinos turísticos ao redor do mundo. (RODRIGUES, 2007, p.2)

Neste texto, ele fala sobre como a séculos atrás, estudiosos escreviam sobre seu país, hábitos, culturas, seus deuses entre outras coisas, ainda com bicos de pena, afirmando ser estes os precursores de uma rede de informações que tem como objetivo mostrar diversos pontos turísticos pelo mundo, como é o caso de boa parte das matérias exibidas no *Globo Repórter*, exibido atualmente as sextas-feiras à noite, pela Rede Globo.

Atualmente é notado um crescimento nesta área do jornalismo como forma documental, de entretenimento e de agregar valor aos movimentos turísticos.

No Brasil também já começam a ser desenvolvidas discussões para nortear o desenvolvimento do turismo em suas relações com o jornalismo. No ano de 2001, foi realizado pela Universidade Metodista de São Paulo, na Faculdade Cátedra Unesco o I Congresso Internacional de Comunicação e Turismo. Em 2002, é lançado o livro “Turismo e Mídia”, pela editora Contexto, do escritor Christian Nielsen. No livro são apresentadas regras básicas para os profissionais de turismo que objetivam trabalhar com jornalismo turístico e/ou pretendam desenvolver uma boa comunicação e redação para turismo. (RODRIGUES, 2007, p. 7)

### **3.RELATÓRIO TÉCNICO**

O presente trabalho deu início no primeiro semestre de 2016, com a delimitação do tema e grande parte da pesquisa teórica. O documentário Ximan é um produto audiovisual que se baseou nas instruções de Alex Moletta (2009) para a sua realização, separando as etapas em pré-produção, produção e pós-produção.



Após nossa abordagem teórica sobre o jornalismo, documentário e a importância do turismo, agora daremos enfoque as nossas etapas do projeto experimental, descrevendo os processos desenvolvidos desde o planejamento técnico até a edição do material final, ressaltando pontos importantes.

### 3.1. Pré-produção

A primeira fase deste projeto consistiu em ir até a cidade de Araponga e conversar com o presidente da CEPEC (Centro de Pesquisa e Promoção Cultural) responsável pela Casa da Cultura de Araponga, Allan Tibúrcio, no intuito de conseguir apoio de equipamentos e transporte para a produção do documentário. Aqui encontramos o primeiro obstáculo. Ao entrarmos em contato com o Allan, foi constatado que a Casa passa por dificuldades. Os principais motivos são a falta de trabalhadores, verbas e incentivo da Prefeitura, causado por problemas financeiros na cidade.

Uma primeira rota turística foi traçada, com previsão de saída do Refúgio dos Galdinos, conhecido também como Pousada do Adão, passando pelos principais pontos turísticos e pousadas como a comunidade de Bom Jesus do Madeira, Cachoeira do Piu, Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, Pousada Serra d'água, Dico Simão, seguindo caminho até chegar ao Pico do Boné.

Após traçarmos essa primeira rota subimos a Serra para um primeiro contato com os responsáveis pelas pousadas e para uma primeira visita a estes locais turísticos, (cachoeiras, áreas de camping, pousadas, sede do parque) conversamos com alguns proprietários sobre o projeto experimental e recolhemos informações para a elaboração das entrevistas. Desde essa primeira visita levamos uma câmera de vídeo para a captação de imagens gerais como estradas, caminhadas, vistas do horizonte e etc, na intenção de montar um banco de imagens que poderão ser usadas em *offs* e servirem como imagens de transição.

Mantemos contato por e-mail com a gerência do Parque Estadual do Brigadeiro (PESB), pegando informações e agendando visitas. Eles nos mandaram alguns formulários para serem devidamente preenchidos e mandados online para eles, no intuito de manter um controle e termos permissão oficial para filmar por todo o PESB.

Com as informações e imagens coletadas, e a rota estabelecida, elaboramos um quadro contendo o nome dos entrevistados, locações, contatos e as demais imagens a serem feitas naquele lugar, o que contribuiu para a o agendamento das entrevistas.

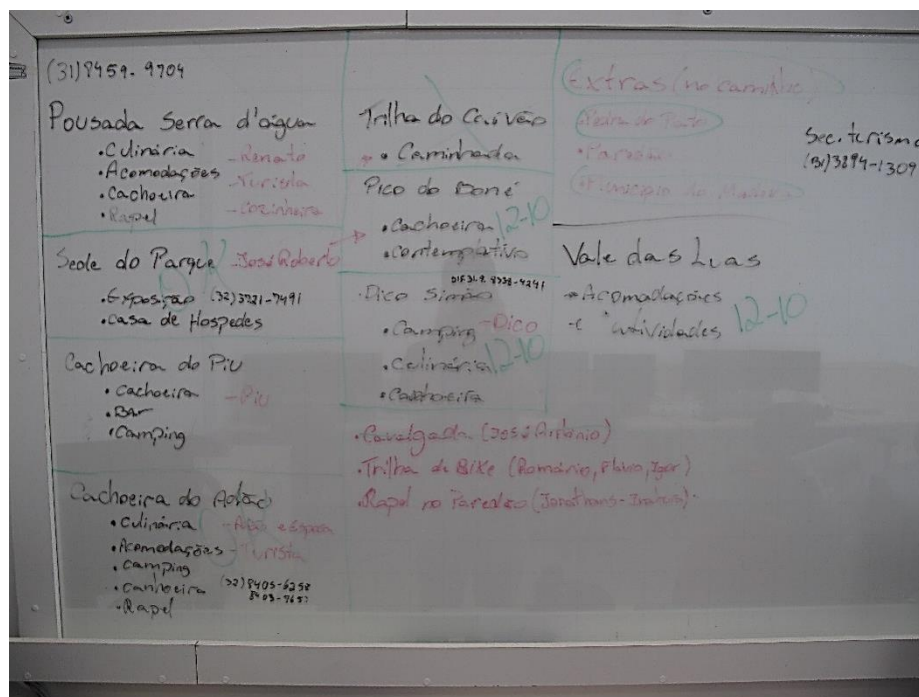


Figura 3: esquema do planejamento de pré-produção, feito pelos membros do projeto.

Seguimos as orientações de Moletta (2009) sobre a fase de pré-produção de produtos audiovisuais, uma vez que nessa etapa, são selecionadas as possíveis fontes do documentário. As entrevistas foram marcadas por ordem de disponibilidade das fontes e por proximidade dos locais na Serra do Brigadeiro. Após marcadas, criamos um pré-roteiro com perguntas para nos auxiliar na conversa com cada fonte e também com sugestões de imagens que deveriam ser feitas em cada local visitado.

Para Barbeiro e Lima (2013) as entrevistas têm de ser bem planejadas quanto ao tempo disponível, e o entrevistador deve tentar colocar-se no lugar do público, pensando sempre nas perguntas que mais terá importância para quem está assistindo.

Essa fase durou aproximadamente 2 meses, um pouco mais do que prevíamos visto as dificuldades encontradas durante o processo, mas nada fora do cronograma. Foram realizadas duas idas até a região para a coleta de dados, mas mantivemos contato durante todo o tempo com as fontes, continuando a busca por informações e marcamos as demais entrevistas através do telefone, e-mail e do aplicativo Whatsapp. Destinamos um dia inteiro para cada visita, não nos apressando, na expectativa da vivência já começar a partir do processo de pré-produção.

De acordo com Moletta (2009), é também na pré-produção que definimos os locais de gravação.

### 3.2. Produção

Com as entrevistas marcadas fizemos a reserva dos equipamentos no Departamento de Comunicação Social: duas câmeras NIKON D3200, dois tripés, dois microfones tipo lapela, um *steadicam\**; separamos também os equipamentos pessoais que seriam usados: um *selfie-sticke* a câmera do celular para imagens de *making of*.

A fase de produção demandou maior tempo e trabalho, que foram as entrevistas e a captação de imagens e de sons. Um pequeno bloco de anotações foi usado para comentários pertinentes e lembretes. Os relatos foram feitos de forma despojada e individual, fazendo uso da técnica de entrevista em profundidade, onde os repórteres revezam entre um entrevistado e outro.

Duas câmeras foram utilizadas, sendo uma geral, ficando a cargo do repórter que não estaria fazendo as perguntas, e uma segunda à frente do repórter principal daquela entrevista. Fazendo uso de um *selfie-sticke* a câmera de um celular, temos a visão em alguns momentos de uma terceira lente, como forma de *making of*, mostrando assim todos os envolvidos naquela cena (cinegráfiata, repórter e entrevistado). Esta terceira câmera aparece durante todo o documentário, como um olhar de fora, que nos aproxima cada vez mais do espectador, além de servir de registro. Neste caso trocamos o que seria o diário de viagem, pela câmera.



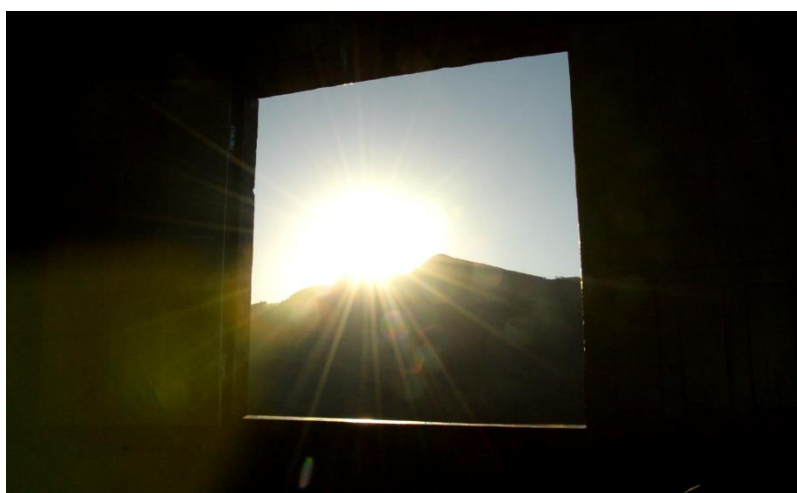
**Figura 4: enquadramentos da câmera geral e terceira lente.**

Os trajetos entre paradas foram filmados como forma de transição de um espaço para o outro, e dando a sensação para o espectador de estar se locomovendo. Imagens de passadas, intercalando os passos dos dois repórteres, foram pensadas como imagens de corte, além de ter a intenção de passar a sensação para quem está assistindo de se estar andando sobre diferentes tipos de terrenos.



**Figura 5: passadas intercaladas.**

Outro recurso utilizado foi a técnica de *timelapse*<sup>2</sup> que permite dar dinamismo e variar das imagens comuns. O *timelapse* de pôr do sol, por exemplo, foi feito no intuito de mostrar passagem de tempo dentro do documentário.



**Figura 6: *timelapse* do pôr do sol visto de uma janela.**

Nossa primeira gravação se estendeu por três dias. Começamos pela pousada Serra D'água, onde fizemos imagens de todo o lugar, desde as acomodações às paisagens naturais. A entrevista com o Renato, dono do lugar, ficou marcada para uma próxima visita, visto que ele não estava disposto a gravar no dia em questão, por estar cansado de uma viagem.

No segundo dia saímos bem cedo para subir a serra e chegar à sede do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Lá, encontramos com o José Roberto, gerente do parque, que apresentou nossas acomodações, na casa para pesquisadores disponível.

---

<sup>2</sup>Processo cinematográfico em que a frequência de cada fotograma ou quadro (frame) por segundo de filme é muito menor do que aquela em que o filme será reproduzido. Quando visto a uma velocidade normal, o tempo parece correr mais depressa e assim parece saltar

Logo depois seguimos com ele para uma visita nos arredores, até a casa de hospedes (casarão destinada a pessoas que requisitarem ficar por alguns dias na serra para pesquisas e trabalhos), onde fizemos a nossa primeira entrevista com ele. Tivemos dificuldades em gravar em ambiente aberto, visto questões de mudanças repentinas de luz e vento, questões a que estávamos expostos e tivemos que pensar em alternativas, como mudança no lugar da gravação ou esperar um momento mais favorável. Em algumas entrevistas isso não foi possível, tentando amenizar o máximo possível da situação em que estávamos expostos, nas configurações da câmera e já pensando no que poderia ser feito na edição, como tratamento de imagem, inserte por cima da falha, etc. Na parte da tarde saímos para fazer imagens gerais do parque, conhecemos o museu interativo da sede, e juntamente com o José, fomos até a Ermida ali perto.

Por estarmos em meio a mata, precisávamos de mais baterias e cartões de memória, para economizar tempo e não atrapalhasse o andamento do trabalho. O Departamento não dispunha de tal quantidade de materiais, mas fizeram o possível para nos dar o que fosse de seu alcance. Assim, depois de gravar, descarregávamos os materiais em um computador, e aproveitávamos os horários de almoço para carregar o que desce das baterias nas pousadas em que parávamos.

Em nosso terceiro dia, descemos até a comunidade do Madeira para encontrar o Refúgio dos Galdinos, pousada do senhor Adão e de sua mulher Maria. Muito receptivos nos cederam a entrevista, falando sobre como começaram com a pousada e sobre o turismo de base comunitária. Após a entrevista, fizemos imagens gerais do lugar e fizemos uma pequena trilha até a cachoeira 3 Quedas, sempre fazendo uso da *selfie-sticke* para mostrar nosso trajeto “como turistas”. Ainda na pousada, após o almoço, ficamos sabendo por um dos filhos do Adão, sobre uma pousada nova ali perto, a Pousada dos Galdinos, que pertence a parentes do Adão. Lá fizemos a entrevista com o administrador do lugar e imagens. Ao final do dia, voltamos para Viçosa e encerramos as primeiras gravações.

Nossa segunda ida a araponga foi em uma sexta-feira, que tínhamos agendado a entrevista com o Renato da pousada serra D’água na parte da tarde. Na parte da manhã nos arriscamos, já que não tínhamos conseguido entrar em contato, a ir até a Pousada Remanso, também conhecida como Dico Simão (proprietário). Lá encontramos Cláudio, neto do senhor Dico e atual administrador do lugar. Ele se demonstrou muito empolgado com nosso projeto, cedendo a entrevista, mostrando o lugar para fazermos as filmagens e nos convidando a ficar hospedados por sua conta, quando voltarmos para subir o pico do Boné.

Durante a terceira visita na região, fomos direto para a Pousada Remanso, bem cedo, para encontramos com o guia turístico Jonatas da empresa In Natura, que nos guiou até o pico

do Boné e depois instruiu a prática do rapel. Na trilha para o pico, fomos juntos com a turma de turistas que vieram em uma excursão pela empresa do Jonatas. O pico fica a aproximadamente 1.870 metros. Fomos registrando todo o caminho e conversando com os turistas. Ao chegarmos ao pico, fizemos imagens diversas da paisagem e entrevistamos algumas das pessoas, um deles vindo da Itália. Descemos e almoçamos na pousada. Na parte da tarde a turma foi para a cachoeira da Laje que fica nas proximidades. Notando que nosso motorista e auxiliar, Nilton Antônio (pai do Thalison) ainda não tinha voltado da trilha, tivemos que ir a pé até a cachoeira, em uma caminhada de aproximadamente 1 hora e meia. Chegando lá, fizemos as imagens dos turistas fazendo o rapel e entrevistamos um deles, um Argentino, que nos falou sobre a emoção da prática. E depois entrevistamos o Jonatas.

Durante todo o processo de gravação, o Nilton foi quem fez os caminhos com a gente dirigindo o carro e ajudando no carregamento dos equipamentos. Não conseguimos contato com o proprietário da cachoeira do Piu, e ficamos sabendo pelo gerente do parque, que a cachoeira estava com pouca água. Visto isso, está cachoeira foi descartada do nosso roteiro. A região também atrai muitos motociclistas adeptos da prática do motocross, mas as trilhas não necessariamente são feitas dentro do parque, e são feitas por pessoas já experientes e que já conhecem área. Visto que não é uma programação frequente e de acesso a todos, essa prática também foi retirada dos planos, como estava registrada no projeto inicial. A trilha do Carvão também foi descartada, levando em conta sua grande extensão, e pelo nosso guia na área, o senhor Dico Simão, ter desmarcado de última hora nossa entrevista e visita ao local.

Com o material já em mãos, e visto as mudanças relatadas acima, nosso relato mudou um pouco em relação ao planejamento inicial, ficando assim: Refúgio dos Galdinos (Adão), que faz um gancho com a Pousada dos Galdinos; Sede do parque da Serra do Brigadeiro (abrangendo o museu interativo e a Ermida); Pousada Serra D'água; Pousada Remanso (Dico Simão), que faz gancho com as práticas de aventura, que nos leva ao rapel na cachoeira da Lage e encerrando com a trilha até o Pico do Boné. Entendemos que essa mudança de planejamento não compromete a qualidade do trabalho nem elimina a importância da etapa de pré-produção. Encontramos respaldo para isso nos estudos de Barbeiro e Lima (2013), que em seus argumentos sobre a pauta no fazer jornalístico e sobre a função do pauteiro nas redações, realça a questão de que os fatos na sociedade são ativos e estão em constante mudança, por isso é preciso tomar cuidado e ter atenção, para que caso ocorram novos acontecimentos, estejamos preparados para moldar a pauta, podendo adquirir um novo enfoque ou até mesmo a queda da

mesma, e possamos realizá-la sem maiores conturbações. Mantendo-se atento, a mudança nos planos iniciais não afetara a qualidade do produto.

### 3.3. Pós-produção

Com as imagens já captadas, entramos em uma fase de “garimpar” este material, assistindo os vídeos e deletando o que julgamos inutilizável para o trabalho, como imagens sem foco, muito tremidas ou com imagens de pouca relevância para o objetivo final. A partir deste ponto, podemos começar a decupagem das entrevistas, dando ênfase aos diferentes aspectos do turismo que cada personagem abordou, além de falarem das atividades que cada um desenvolve em seu trabalho.

Após a decupagem do material filmado, definimos um roteiro com base nos rascunhos de pré-roteiro que íamos desenvolvendo durante o processo. Está foi uma das fases mais difíceis do projeto, levando em conta que muitas vezes as ideias não se encaixavam como queríamos de imediato. Mas aos poucos, ele foi tomando forma, a medida que íamos revendo o material captado e ajustando-os com nossas ideias.

Começa então o trabalho de edição. Essa é uma parte prazerosa do trabalho, levando em conta que os participantes do projeto trabalham nesta área. Mas também uma das mais trabalhosas. Para isso, usamos o software de edição *Adobe Premiere Pro CC 2015*. O documentário tem a ideia de dinamismo, com muitas imagens de cortes e insertes sobre os depoimentos. Como trilha sonora, optamos por deixar alguns trechos com som ambiente, e demais momentos BG’s. Estes por sua vez, foram adquiridos na biblioteca de áudios liberados do Youtube, o *Youtube áudio library*. Em nosso pensamento de trazer um pouco da regionalidade, conseguimos permissão para usar algumas músicas da banda Cazabumba, que se trata de uma banda de jovens da região de Araponga. É um som que mescla o forró com o reggae e tem um projeto paralelo chamado 7mbro, que produzem *raps* falando sobre o cotidiano. Ainda na busca por músicas de artistas de minas, mas com um ritmo de rock, na expectativa de dar dinamismo, conversamos com a banda Soud Bullet de Juiz de Fora, e tivemos permissão de usar a música *When It Goes Wrong* em nosso produto.

Uma das dificuldades enfrentadas nessa etapa, foi constatar que um dos microfones utilizados nas primeiras entrevistas, estava produzindo ruídos. Para amenizar o problema, utilizamos o mesmo áudio do microfone do entrevistado, aumentando o volume. Assim reduzimos em parte os barulhos. Nas demais captações, trocamos o aparelho.

Como relatado anteriormente, nossa ideia é ter um “terceiro olho”, uma forma de *making off* feita com celular. Um dos telefones utilizados estragou, perdendo algumas das imagens. Mas tínhamos um segundo aparelho, o que fez com que nossa ideia não fosse prejudicada.

As artes gráficas foram feitas no *Adobe After Effects CC 2015*. A ideia dessas artes é valorizar o documentário, fazendo uso de recursos gráficos pensados exclusivamente para ele. Os GC's foram feitos como placas de direção rústicas de madeira, no intuito de remeter a questão de direção. Foi uma ideia que surgiu durante nossa caminhada ao Pico do Boné, uma vez que pelo caminho há algumas placas de madeira apontando na direção a seguir, inclusive com dados da distância que já foi percorrida.



**Figura 7: GC constando créditos dos entrevistados.**

Como forma de indicar o caminho percorrido, mantendo o público orientado sobre a localização, além de remeter a esta ideia de relato (lembrando um pouco um roteiro) turístico, tivemos a ideia de fazer um mapa animado, usando uma arte já pronta que conseguimos com o Gerente do PESB, da serra do brigadeiro, e que foi vetorizada e modificada por Eliesel Tanada, amigo de trabalho. O mapa aparecerá na vinheta, como se traçando os caminhos a percorrer, e ao longo do documentário, durante o trajeto de um lugar a outro ou para indicar a localização de trilhas e picos citados, mas que não fazem parte do nosso relato. As artes foram todas trabalhadas no *Adobe Photoshop CC 2015* e *Adobe Illustrator CC 2015*.





**Figura 8: Mapa sendo traçado**

Precisávamos de uma forma de nos apresentar e nos inserir no documentário sem que precisássemos de gravar uma passagem, já que esse não era nosso objetivo. Com isso fizemos uso do *parallax*. Esta é uma técnica que visa criar um aspecto de profundidade em uma imagem. Neste caso, pegamos uma foto dos dois repórteres e os separamos do fundo da fotografia. Assim fizemos movimentos diferentes do fundo com a dos personagens, dando este efeito de profundidade. Nesse *parallax*, aparecem os nomes de cada um dos repórteres, e sua missão no documentário.



**Figura 9: Parallax.**

Toda a ideia artística girou em torno dessas observações, querendo mostrar rusticidade, regionalidade e cultura local. Foi assim que começou o trabalho para a decisão do nome. Já estava mais do que claro em nossas mentes, que este trabalho seria um relato turístico da serra do brigadeiro, mostrando um pequeno percurso da região. Como ideia original, o nome seria

“Caminhos da Serra – Um relato turístico na Serra do Brigadeiro”. Mas notamos que faltava algo que desse mais impacto e que se aproximasse das características do lugar. Durante nossas pesquisas e entrevistas, ficamos sabendo dos indígenas Puris que habitavam a região da serra, e que ainda há alguns descendentes por ali. Achamos viável usar algo relacionado a essa história do lugar, adicionando então ao título original do trabalho, a palavra *Ximan*, que na língua Puri significa “caminhos”, “trilhas”, como encontrado no Pequeno Manual e Dicionário da Língua Puri (2016).

Depois da edição feita, chega a parte de lapidação deste material, que é a edição de som e tratamento das imagens. Ao fim, o material fica com aproximadamente 38 min e 40 segs.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O projeto experimental cumpre os objetivos ao vermos, na edição final, a junção de técnicas híbridas presentes tanto no jornalismo quanto no documentário cinematográfico com a intenção de ressaltar características de uma localidade e destacar atrações turísticas.

Notamos ainda que os assuntos abordados neste trabalho abrem espaços para estudos futuros, ao percebermos que os trabalhos teóricos que tratam sobre a questão de relação entre mais de um repórter atuando em uma mesma reportagem ou notícia são escassos ou tem pouco destaque. Em nossas pesquisas, constatamos a dificuldade de encontrar textos que pudessem argumentar sobre a interação de repórteres como sendo narradores de um mesmo material audiovisual, como no caso o documentário. É um formato diferente, mas que vem ganhando espaço graças a programas de cunho jornalísticos que visam adquirir uma maior dinâmica pra o produto exibido por ele.

Ficou visível para nós o quanto o turismo de base comunitária é presente e importante na região. Por se tratar de uma localidade rural e com forte presença de agricultores, este é o tipo de turismo que mais se adequa ao seu cotidiano e também às suas próprias necessidades. É perceptível também como este turismo está inserido no contexto da sustentabilidade, aproveitando ao máximo dos recursos já disponíveis, e procurando sempre minimizar os danos a natureza, além de sempre buscar apoio entre os participantes dessa pratica, como relata Adão, dono do Refúgio dos Galdinos, um dos mais marcantes personagens de nosso documentário, juntamente com sua esposa Maria. Um casal simples, batalhador e que nos recebeu de braços abertos.

Todos os entrevistados nos receberam muito bem, sempre dispostos a ajudar no que fosse preciso. Como forma de agradecimento, tiramos uma foto com cada um deles ao final das

entrevistas, e levaremos uma cópia impressa juntamente com o DVD do Documentário. Eles viram neste trabalho a possibilidade de falar sobre o turismo que exercessem e divulgar as belas e práticas da região, como forma de convidar as pessoas a conhecer o Parque Estadual do Brigadeiro.

A experiência de ter dirigido, produzido e montado um produto audiovisual como Ximan nos proporcionou um enorme aprendizado no gênero e em trabalho em equipe, pois estivemos juntos em todas etapas de sua produção. As possibilidades que ele nos trouxe, de conhecer e dialogar com diferentes pessoas certamente contribuíram com a nossa formação. A escolha de um projeto experimental como trabalho de conclusão de curso foi um desafio, visto que toda responsabilidade de concluí-lo estava em nossas mãos.

Este experimento pode nos abrir possibilidades de atuação profissional, uma vez que aplicamos técnicas aprendidas ao longo da graduação e vimos que existe a demanda e a condição de realização de outros trabalhos como este, e visamos praticar mais experimentações, no intuito de acrescentar no conhecimento, testando novas e diferentes formas de produção audiovisual.

Com as recentes transformações feitas pelo homem na natureza foi um privilégio ter a chance de registrar uma região tão bela e que poderia ser mais conhecida pelos moradores das cidades da região. Só com esse conhecimento é gerada uma sensação de pertencimento que, por sua vez, leva a uma conscientização maior sobre a importância da preservação.

## **5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Jornalismo para rádio, tv e novas mídias**. Rio de Janeiro/ RJ, 2013. Editora Elsevier. 216p.

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber e BURSZTYN, Ivan. **Turismo de Base Comunitária**, diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro/ RJ. Editora Letra e imagem, 2009.

BATISTA, Cláudio Magalhães. **Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo Vol. 5, Nº 3, p.27 - 33. RJ, 2005.

**Economia do turismo**: uma perspectiva macroeconômica 2000-2005/IBGE, Coordenação de Contas Nacionais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2008.

GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador/ BA. Editora EDUFBA, 2011. 284p.

**Índice de competitividade do turismo nacional**: relatório Brasil 2015/Coordenação Luiz Gustavo Medeiros Barbosa. – Brasília, DF : Ministério do Turismo, 2015.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo**: Da herança positivista ao diálogo dos afetos. 1º ed. - São Paulo/ SP. Summus, 2014.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral**. Intercom, XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação – Campo Grande/ MS. Setembro 2001.

MOLETTA, Alex. **Criação de curta metragem em vídeo digital: uma proposta de produção de baixo custo**. São Paulo: Summus, 2009.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. Intercom, Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas/ SP, Papyrus Editora, 2005. 270p.

PORTAL DO MEIO AMBIENTE. Site do IEF. Parque Estadual da Serra do Brigadeiro. Disponível em: <<http://www.ief.mg.gov.br/component/content/197?task=view>> Acesso em: 20 de out. 2016.

RIBAS, Rodinei Gonçalves. **Conversa ao pé da Serra: Saberes, sabores, casos e causas da Serra do Brigadeiro**. Coordenação geral: Allan Gustavo de Salles Tibúrcio. Araponga/ MG. CEPEC, 2010. 100p.

RODRIGUES, Marcelo Carmo. **Para onde foi o “jornalismo turístico”?** Análise de capas da revista Viagem e Turismo em 2007. Juiz de Fora/ MG. UFJF.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e Planejamento sustentável**. A proteção do meio ambiente. Campinas/ SP. Editora Papyrus, 2008. 14º ed.

SANTOS, Inês Guerra do; PAULINO, Fernando Faria. **O documentário etnográfico**: da memória ao produto turístico. Revista de Estudos Politécnicos 2010, Vol. VIII, nº 14, pág. 123 – 135.

SERAFIM, José Francisco. Cap. Televisão e Documentário: afinidades e desacertos. **Televisão e Realidade**. Organização: Itania Maria Mota Gomes. Salvador/ BA. Editora EDUFBA, 2009.

## 6. ANEXOS

### ROTEIRO XIMAN

TÉCNICA/IMAGENS	ÁUDIOS
<p>Clipe com melhores imagens de paisagem geral.</p> <p>Paralax apresentando os repórteres.</p> <p>Logos UFV, DCM e COM/ APRESENTAM.</p> <p>Vinheta Ximan.</p> <p>Clipe Estrada.</p>	<p><b>SOBE SOM: Sound Bullet - When it goes wrong</b></p>          <p><b>OFF1 – POEMA:</b></p> <p>VIAJAR, COMO É BOM DESAFIAR O DESCONHECIDO DESBRAVAR COMO UM TOM TUDO O QUE NOS É PERMITIDO</p> <p>VIAJAR, COMO É BOM VENCER DA CIDADE O MEDO APROVEITAR ATÉ OS SONS NÃO QUERER PARTIR TÃO CEDO</p> <p>VIAJAR, COMO É BOM INTERAGIR COM O POVO ARTE, CULTURA E MUITOS DONS SEMPRE SURPREENDE COM O NOVO.</p> <p>CRISTIAN SANTOS</p> <p><b>SOBE SOM: Sound Bullet - When it goes wrong</b></p>

<p><b>Imagens Araponga</b></p> <p><b>Escrita significado XIMAN</b></p> <p><b>Imagens estrada Refúgio dos Galdinos</b></p>	<p><b>OFF2 - APRESENTAÇÃO:</b> ESTAMOS NA CIDADE DE ARAPONGA, A 56 QUILOMETROS DE VIÇOSA. POPULAÇÃO: OITO MIL, CENTO E CINQUENTA E DOIS HABITANTES, ONDE SE LOCALIZA A MAIOR EXTENSÃO DO PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO, O OBJETIVO DE NOSSA JORNADA. AQUI COMEÇA XIMAN, CAMINHOS DA SERRA.</p>
<p><b>Imagens Refúgio dos Galdinos</b></p> <p><b>Entrevista Adão e Maria</b>  <b>GC: Adão e Maria – Refúgio dos Galdinos</b>  <b>Cam geral – DSC_176</b>  <b>Cam close – DSC_74</b>  <b>4'56 - 5'48</b></p>	<p><b>OFF3 - NOSSA PRIMEIRA PARADA É O REFÚGIO DOS GALDINOS, LOCALIZADO NO MUNICÍPIO DE FERVEDOURO, QUE FAZ DIVISA COM A CIDADE DE ARAPONGA. LÁ CONHECEMOS O SENHOR ADÃO, DONA MARIA E SEUS 6 FILHOS, QUE NOS RECEBERAM DE BRAÇOS ABERTOS E COM UM TÍPICO DEDO DE PROSA MINEIRO. UM LUGAR COM MUITA SIMPLICIDADE, ACONCHEGO E DE PESSOAS ACOLHEDORAS SEM IGUAL.</b></p> <p><b>SHAYENE:</b> então seu adão e Dona Maria, queria pedir pra vocês começarem falando como é morar num lugar tão bonito desse.</p> <p><b>ADÃO:</b> pra nós é um privilégio ter nascido aqui, eu já tenho 63 anos, então quando eu era criança aqui eu lembro... E nós estamos aqui debaixo do pico do boné aqui, as águas que descem de lá caem aqui na nossa cachoeira três quedas aqui.</p>
<p><b>Imagens Cachoeira do Adão</b></p> <p><b>Trilha Cachoeira 3 quedas</b></p>	<p><b>OFF4 THALISON:</b> SEGUNDO SEU ADÃO, A TRILHA PARA A CACHOEIRA 3 QUEDAS TÊM APROXIMADAMENTE 300 METROS DE EXTENSÃO, E NÃO PODÍAMOS DEIXAR DE FAZE-LA.</p> <p><b>SHAYENE:</b> QUANDO CHEGAMOS, NOS DEPARAMOS COM UM VISUAL LINDO, MAS COM POUCA ÁGUA, DEVIDO À ÉPOCA DE SECA, O QUE TORNA PROPICIA A</p>

<p><b>Entrevista Adão e Maria</b></p>	<p>PRATICA DO RAPEL. A SENSAÇÃO ALI ERA DE PAZ E SOSSEGO.</p> <p><b>SHAYENE:</b> Dona Maria eu sei que vem gente aqui do mundo inteiro, e eu sei qu muitas delas vem pra comer a comidinha da senhora, pra senhora qual é o segredo da culinária mineira?</p> <p><b>MARIA:</b> Ah, a gente tem que fazer tudo com amor né? Amor as pessoas né, e não ao dinheiro. E isso é tudo temperinho natural que a gente faz.</p> <p><b>SHAYENE:</b> Eu sei que você tem uma horta aqui na pousada, o que vocês produzem aqui?</p> <p><b>MARIA:</b> Tem. A gente produz couve, alface, azedinha.</p> <p><b>SHAYENE:</b> E quais as atividades seu Adão, que a pousada oferece pros turistas?</p> <p><b>ADÃO:</b> A estrutura que nós temos aqui no camping é a cachoeira, a atração maior aqui é a cachoeira ... tem a trilha que nunca foi cortada, tudo natural mesmo.</p>
<p><b>Clipe Refúgio dos Galdinos</b></p>	<p><b>MARIA:</b> Agora tem um pesque pague, aí a gente vai a cada dia oferecendo coisa melhor pro turista.</p> <p><b>SOBE SOM: Cazabumba – Medo de sonhar</b></p>
<p><b>Imagens Estrada Pousada dos Galdinos.</b></p>	
<p><b>Imagens Pousada dos Galdinos</b></p>	<p><b>OFF5 - SAÍMOS DALI COM O OBJETIVO DE CHEGAR A SEDE DO PARQUE DO BRIGADEIRO, MAS FOMOS SURPREENDIDOS POR UMA POUSADA QUE NÃO ESTAVA EM NOSSO MAPA, A POUSADA DOS GALDINOS QUE COINCIDENTEMENTE, PERTENCE A FAMILIARES DO SEU ADÃO E DE DONA MARIA. FAMÍLIA GRANDE ESSA, NÃO?! LUGAR DE MUITA HISTÓRIA, PESSOAS ALEGRES E COM TALENTO MUSICAL. ENTRE UM</b></p>



<p><b>Entrevista Fabio</b>  <b>GC: Fábio</b>  <b>Pousados Galdinos</b>  <b>Cam geral – DSC_270</b>  <b>Cam close – DSC_54</b>  <b>3’21 - 4’18</b></p> <p><b>Clipe Pousada dos Galdinos</b></p> <p><b>Imagens Estrada/  Comunidade do Madeira/  estrada para o parque.</b></p>	<p>CONVITE PARA CAFÉ E UMA PAUSA PARA OUVIR SEU EDINHO, COM 91 ANOS TOCANDO ACORDEOM, BATEMOS UM PAPO BEM LEGAL COM SEU NETO O FÁBIO.</p> <p><b>SHAYENE:</b> Como é que começou a pousada dos Galdinos?</p> <p><b>FABIO:</b> A pousada aqui começou que tinha uma escolinha li, vou contar tudo direitinho, pode? Aí eu trabalhava uma época na prefeitura aí chegou o Diego aqui né, tava visitando um sítio aqui e falou: Fabinho, você decidiu se você quer montar um museu aí, quer trabalhar sobre o turismo rural? Aí eu falei, vamos ver aí. Aí eu comecei, começamos fazendo o mutirão, começamos a trabalhar. Aí fizemos um museu que era uma escola. Depois começou gente a visitar, e eu falei assim: Não, vou fazer logo uma pousada né.</p> <p><b>SHAYENE:</b> Aqui na Pousada dos Galdinos quais são as atividades que vocês vão oferecer pros turistas?</p> <p><b>FÁBIO:</b> Aqui as atividades é cachoeira caminhada, trilha, passeio de charrete, uma música ao vivo.</p> <p><b>SOBE SOM – FABINHO TOCANDO ACORDEON</b></p> <p><b>OFF6 SHAYENE–</b> PEGAMOS A ESTRADA, JÁ COM AQUELE SENTIMENTO DE SAUDADE.</p> <p><b>THALISON:</b> NO CAMINHO, PASSAMOS PELO VILAREJO DO BOM JESUS DO MADEIRA E SEGUIMOS RUMO A SEDE DO PARQUE, ONDE TÍNHAMOS UM ENCONTRO MARCADO COM O JOSÉ ROBERTO.</p> <p><b>SOBE SOM: Hook With Sloane – Youtube áudio library</b></p>
---	--

<p><b>Imagens Parque do Brigadeiro</b></p> <p><b>Arte com campos de futebol preenchendo a tela.</b></p> <p><b>Imagens intercaladas entre as duas câmeras, caminhada até a casa de Hospedes.</b></p> <p><b>Entrevista José Roberto</b>  <b>GC: José Roberto</b>  <b>Gerente do PESB</b>  <b>Cam geral – DSC_50</b>  <b>Cam close – DSC_21</b>  <b>1'31 - 5'38</b></p>	<p><b>OFF7 THALISON:</b> O PESB, PARQUE ESTADUAL DA SERRA DO BRIGADEIRO, ESTÁ INSERIDO EM 8 MUNICÍPIOS: SERICITA, PEDRA BONITA, DIVINO, FERVEDOURO, MIRADOURO, MURIAÉ, ERVÁLIA E ARAPONGA, ONDE FICA A SEDE DO PARQUE. ELE TEM 15 MIL HECTARES DE EXTENSÃO. O PARQUE AINDA CONTA COM DUAS PORTARIAS PRINCIPAIS, QUE MANTEM O CONTROLE DOS VISITANTES, QUE VARIAM ENTRE 600 A 1.300 PESSOAS PASSANDO ALI POR MÊS.</p> <p><b>OFF8 SHAYENE - JOSÉ ROBERTO É QUEM GERENCIA O PARQUE. ELE NOS LEVOU PARA UM PASSEIO PELAS PROXIMIDADES E NOS CONCEDEU UMA ENTREVISTA ESCLARECEDORA SOBRE A SERRA DO BRIGADEIRO.</b></p> <p><b>SHAYENE:</b> Zé Roberto conta ora gente como é que se deu a ideia de criar o parque?</p> <p><b>JOSÉ ROBERTO:</b> Bom, essa ideia da criação do parque nasceu por volta do final dos anos 80, com o propósito de preservar essa área aqui. No mais, graças acho que, a iniciativa da comunidade do sindicato da igreja e da universidade de Viçosa que mobilizou a comunidade pra ter a participação, e com isso teve o engajamento da sociedade na definição do desenho da unidade de conservação.</p> <p><b>SHAYENE:</b> De onde surgiu o nome Serra do Brigadeiro?</p> <p><b>JOSÉ ROBERTO:</b> Serra do Brigadeiro, pois bem. Bom, antes aqui chamava Serra dos Arrepiados devido aos índios que aqui moravam, porque aqui viviam os índios Puris. Arrepiado</p>
--	---

<p><b>Imagens Parque</b></p> <p><b>Entrevista José Roberto</b></p>	<p>porque o lugar é frio, então por volta de 1700 e alguma coisa saiu uma expedição chefiada por Brigadeiro Barcelar, de Ouro Preto pra fiscalizar as divisas dos Estados ES, RJ e MG, e até mesmo essa questão do contrabando. E o Brigadeiro Barcelar deparou com a serra dos arrepiados, onde teve um desafio muito grande em fazer essa travessia e desse tempo pra cá ele rebatizou a Serra dos Arrepiados por Serra do Brigadeiro.</p> <p><b>SOBE SOM: Hook With Sloane – Youtube áudio library</b></p> <p><b>SHAYENE:</b> Quais são as atividades produzidas na sede do parque?</p> <p><b>JOSÉ ROBERTO:</b> Então, o receptivo é no centro de visitante com exposição permanente, onde conta um pouco da história da unidade de conservação, as trilhas. Temos uma maquete que remete pro turista visualizar a localização, tem um auditório onde profere palestras, cursos também.</p> <p><b>SHAYENE:</b> E atualmente quais são as atividades turísticas que o parque proporciona?</p> <p><b>JOSÉ ROBERTO:</b> Correto, sim. A gente tem o próprio plano e manejo traz a permissão para o uso de cavalgada, que a unidade de conservação e proteção integral tem tudo isso aí, mas é através das cavalgadas, através das caminhadas, e também o esporte com bike, bicicleta, aí já tem as trilhas estabelecidas uma vez que essa unidade de conservação, as trilhas que são utilizadas já são trilha de servidão da comunidade. Então nós podemos citar aqui a Trilha do Carvão, Trilha do Matipó, Trilha do Pai Inácio, nós temos o circuito que nós estamos chamando de Circuito dos primatas que é a Trilha do Muriqui, Trilha da Lajinha, Trilha do Encontro, Trilha Pico do Grama, essas são as trilhas que são interligadas e tem a trilha também a Trilha Pedra do Pato. É o convite aos visitantes para conhecer essas trilhas.</p>
--	--

<p><b>Imagens da Ermida Inácio Martins</b></p>	<p><b>OFF9 SHAYENE</b> - UM DOS TIPOS DE TURISMO QUE MAIS ATRAEM VISITANTES PARA A REGIÃO, É O TURISMO RELIGIOSO, EM QUE ROMEIROS DE VÁRIOS LUGARES VEM EM BUSCA DE PAZ ESPIRITUAL, PROMESSAS E VISITAS AOS CRUZEIROS.</p> <p><b>THALISON:</b> JOSÉ ROBERTO NOS APRESENTOU A ERMIDA ANTÔNIO MARTINS. ELA FOI CONSTRUÍDA EM HOMENAGEM A UM CAIXEIRO VIAJANTE, QUE ALI FOI MORTO EM 1909, POR TER SE ENVOLVIDO COM A FILHA DE UM CORONEL DA REGIÃO. LÁ AINDA PODEMOS DESFRUTAS DE UMA VISTA MARAVILHOSA DO MIRANTE.</p> <p><b>SOBE SOM: North – Youtube áudio library</b></p>
<p><b>Imagens estrada Pousada Serra D’ agua.</b></p>	<p><b>OFF10 SHAYENE</b> - DEIXAMOS A SEDE DO PARQUE ENCANTADOS COM TUDO QUE VIMOS POR LÁ, E DESCEMOS A SERRA, EM DIREÇÃO A POUSADA SERRA D’AGUA.</p> <p><b>SOBE SOM: Hook With Sloane – Youtube áudio library</b></p>
<p><b>Entrevista Renato</b>  <b>GC: Renato</b>  <b>Cam geral – DSC_143</b>  <b>Cam close – DSC_251</b>  <b>3’21 - 8’31</b></p>	<p><b>THALISON:</b> De onde você teve a ideia de trabalhar com a pousada, trabalhar com o turismo?</p> <p><b>RENATO:</b> A pousada já vem aí a uns 15 anos, depois da criação do parque... por isso nossas instalações mais rústicas, casa de pau a pique.</p> <p><b>THALISON:</b> Como você caracterizaria o tipo de turismo que você exerce aqui na pousada?</p> <p><b>RENATO:</b> O turismo nosso aqui é um turismo natural, que a gente oferece trilhas... ele é um turismo de aventura também, mas o nosso foco aqui mesmo é o turismo regional, é um público que vem para hospedar, vem para interagir com a comunidade aqui em si.</p>

<p><b>Imagens Pousada Serra d'água</b></p>	<p><b>OFF11 THALISON:</b> PASSAM POR LÁ, ENTORNO DE 5 MIL TURISTAS POR ANO. O PIQUE DE VISITANTES AUMENTA DURANTE O VERÃO, ATRAÍDAS PELA BELA CACHOEIRA CONHECIDA COMO PRAINHA E PELO FRESCOR DA SERRA.</p> <p><b>SOBE SOM: Hook With Sloane – Youtube áudio library</b></p>
<p><b>Entrevista Renato</b></p>	<p><b>THALISON:</b> Como você vê a importância do turismo para uma região?</p> <p><b>RENATO:</b> No contexto da nossa região aqui o turismo começou com o pico do boné que foi criando fama... o turismo é uma forma de economia, estamos numa região com a monocultura do café implantada, viçosa também atrai gente de muitas cidades, muitos estudantes vem pra conhecer a serra do brigadeiro também.</p>
<p><b>Clipe Pousada Serra d'água</b></p>	<p><b>SOBE SOM: CAZABUMBA – SAUDADE DA GRINGA</b></p>
<p><b>Imagens Estrada Fundação/ Paisagens Imagens Pousada Remanso</b></p>	<p><b>OFF12 SHAYENE:</b> SAINDO DA POUSADA SERRA D'ÁGUA, FOMOS RUMO AO CENTRO DA CIDADE DE ARAPONGA, ONDE PEGAMOS A ESTRADA QUE NOS LEVA AO OUTRO LADO DA SERRA, AOS PÉS DO PICO DO BONÉ.</p> <p><b>SOBE SOM: CAZABUMBA – SAUDADE DA GRINGA</b></p> <p><b>OFF 13 SHAYENE –</b> CHEGAMOS A POUSADA REMANSO, TAMBÉM CONHECIDA COMO DICO SIMÃO, DONO DA PROPRIEDADE. LUGAR SIMPLES E DE UMA BELEZA FANTÁSTICA.</p>

**Entrevista Cláudio**  
**GC: Cláudio Martins**  
**Cam geral – DSC\_234**  
**Cam close – DSC\_43**  
**1'12 - 5'32**

**Imagens Pousada**  
**Remanso**

**THALISON:** FOMOS MUITO BEM RECEBIDOS, E LOGO JÁ ESTÁVAMOS BATENDO UM PAPO COM O CLÁUDIO, NETO DO SEU DICO E ATUAL GERENTE DA POUSADA.

**THALISON:** Como começou a pousada remanso? Qual a história da pousada?

**CLÁUDIO:** A pousada começou aqui a geralmente 20 anos atrás, só que antes não tinha tanta estrutura pra receber... e tamo pensando em ampliar mais alguma coisa.

**THALISON:** E foi você mesmo que começou com a pousada aqui?

**CLÁUDIO:** Na verdade foi meu avô, Raimundo Martins. O famoso Dico Simão.

**THALISON:** Vocês aqui trabalham com o turismo de base comunitária também?

**CLÁUDIO:** Na verdade a gente começou, fez até parte de um projeto que se chama TBC, que é turismo de base comunitária, aí a gente ficou nesse projeto na base de 2 anos ... a gente também tem muita coisa voltada pro café, que a pessoa vê nos arredores da pousada.

**THALISON:** E quais as atividades que vocês tem aqui na pousada?

**CLÁUDIO:** Aqui dentro da pousada a gente tem as cachoeiras, as trilhas... se a pessoa quiser levar tem o pó de café natural, artesanal mesmo.

**OFF14 THALISON – DURANTE O MÊS, APROXIMADAMENTE 100 TURISTAS PASSAM PELA POUSADA. NO VERÃO E PERÍODO DE FÉRIAS, ESSE NÚMERO CHEGA A AUMENTAR 5 VEZES, VINDO ENTRE 100 E 150 VISITANTES POR FIM DE SEMANA.**

<p><b>Imagens Pousada Remanso</b></p> <p><b>Clipe Pousada Remanso</b></p> <p><b>Imagem Lua/ Time Lapse pôr do sol/ Imagens de paisagens</b></p> <p><b>Imagem Thalison na varanda</b></p> <p><b>Time Lapse Café da manhã</b></p> <p><b>Imagens Jonatas/ turistas chegando</b></p> <p><b>Entrevista Jonatas In Natura</b>  <b>GC: Jonatas</b>  <b>Cam geral – DSC_24</b>  <b>Cam close – DSC_35</b>  <b>0’12 - 3’43</b></p>	<p><b>CLÁUDIO:</b> O turismo não pode visar só a desbravação, tem que visar também a preservação... pra futuramente isso continuar cada vez melhor.</p> <p><b>SOBE SOM: CAZABUMBA – MEDO DE SONHAR</b></p> <p><b>OFF15 SHAYENE –</b>NÃO PODÍAMOS VIR ATÉ AQUI E NÃO CONHECER O PICO DO BONÉ. PASSAMOS A NOITE NA POUSADA E ACORDAMOS CEDO, PARA ESPERAR A CHEGADA DOS TURISTAS QUE IAM FAZER A TRILHA PELA MANHÃ.</p> <p><b>JONATAS:</b> O turismo quando você vai procurar um espaço com essa finalidade de turismo, de lazer, você tem que ir com a finalidade de conhecer a cultura local mesmo... chegar e conversar com o cara que ta no boteco lá, que vai te oferecer um café na hora que você entra, entendeu?</p> <p><b>OFF16 THALISON:</b> JONATAS É DONO DA IN NATURA, EMPRESA QUE PROMOVE ATIVIDADES TURÍSTICAS NA REGIÃO, E ELE SERÁ NOSSO GUIA ATÉ O PICO.</p> <p><b>THALISON:</b> Como surgiu a In Natura, onde você teve a ideia de começar a mexer com turismo?</p> <p><b>JONATAS:</b> É o seguinte, eu comecei com essa ideia em Juiz de Fora onde eu conversei com um amigo, que me apresentou essas atividades .... então já comecei pensando na serra do brigadeiro</p> <p><b>THALISON:</b> Então suas atividades ficam mais restritas a área da serra do brigadeiro?</p>
---	--

<p><b>Imagens Rapel</b></p> <p><b>Entrevista Santiago</b> <b>GC: Santiago</b></p> <p><b>Imagens Cachoeira Lage/ Imagens Rapel</b></p> <p><b>Entrevista Jonatas In Natura</b></p>	<p><b>JONATAS:</b> Sim, atualmente sim. Mas a gente também faz outros passeios como Pico da Bandeira ... mas atualmente é mais serra do briadeiro mesmo, como eu estabeleci uma moradia lá por 4 anos, fiquei bem restrito por aquela área.</p> <p><b>THALISON:</b> Quais as atividades a In Natura</p> <p><b>JONATAS:</b> A gente trabalha com <i>traking</i>, que é a caminhada, faz o rapel... faz um arborismo tanto o científico quanto o que é mais voltado pra pratica mesmo.</p> <p><b>THALISON:</b> No que consiste a prática do rapel?</p> <p><b>JONATAS:</b> O rapel na verdade foi uma técnica, o nome rapel significa recuperar a corda ... o que eu prezo no rapel é fazer um curso, você tem que procurar alguém que já tem habilidade.</p> <p><b>SANTIAGO:</b> É, no começo acho que Eu fiquei bastante nervoso, mas depois quando eu estava lá... eu gostei muito de fazer isso.</p> <p><b>OFF17 - A CACHOEIRA DA LAGE, OU CACHOEIRA DO BONÉ, TEM APROXIMADAMENTE 40 METROS DE ALTURA E ATRAI MUITOS ADEPTOS DA PRÁTICA DO RAPEL.</b></p> <p><b>SOBE SOM: SOUND BULLET - WHEN IT GOES WRONG</b></p> <p><b>THALISON:</b> E você acha porque as pessoas procuram tanto pelo Pico do Boné?</p> <p><b>JONATAS:</b> Eu acho que pelo formato dele ali, por ser próximo a trilha do carvão... por causa também da visão 360º que você tem lá de cima.</p>
--	--



<p><b>Imagens preparação (pulseira, cinto, mochila, zíper, torneira)</b></p>	
<p><b>Imagens Trilha</b></p>	<p><b>OFF18 THALISON</b> - ENCHEMOS AS GARRAFAS, CALÇAMOS AS BOTAS, PREPARAMOS AS CÂMERAS E ENFIM PARTIMOS EM NOSSA AVENTURA PARA CONQUISTAR O PICO DO BONÉ. SHAYENE, SE PREPARE.</p>
<p><b>Imagens trilha</b></p>	<p><b>SHAYENE:</b> EU ESTOU PREPARADÍSSIMA.</p> <p><b>SOBE SOM: Octagon – Youtube áudio library</b></p>
<p><b>Desabafo Shayene durante a trilha</b></p>	<p><b>SHAYENE</b> : É a decima vez que eu desisto e eu recomendo pra quem não tem preparo físico, trazer um companheiro pra te dizer frases motivacionais.</p>
<p><b>Imagens trilha</b></p>	<p><b>OFF 19 SHAYENE:</b> É, A SUBIDA NÃO É TÃO FÁCIL ASSIM. AFINAL SÃO 4 QUILÔMETROS DE SUBIDA. PELO CAMINHO É POSSÍVEL ENCONTRAR ALGUMAS FONTES DE AGUA, ONDE PUDEMOS ENCHER AS GARRAFAS.</p>
<p><b>Imagens Trilha</b></p>	<p><b>THALISON:</b> O PERCURSO LEVA EM MÉDIA DE 2 A 2 HORAS E MEIA, CONTANDO COM 2 PARADAS NO CAMINHO, A PRIMEIRA NA PEDRA DO DESCANSO...</p> <p>E A OUTRA NO MIRANTE, ONDE DESFRUTAMOS DE UMA VISÃO INCRÍVEL.</p>
<p><b>Imagens trilha</b></p>	<p><b>SOBE SOM: Octagon– Youtube áudio library</b></p>
<p><b>Entrevista Jonatas In Natura</b></p>	<p><b>THALISON:</b> Com quantas pessoas você costuma subir o pico?</p> <p><b>JONATAS:</b> A gente costuma subir com grupos de 15 pessoas, no máximo vinte... o ideal é que tenha um guia pra cada 10 pessoas.</p>

<p><b>Imagens Trilha</b> <b>Entrevista Francesco</b> <b>GC: Francesco Rizzo</b></p>	<p><b>THALISON:</b> E costuma vir gente de fora pra praticar essas atividades com vocês lá?</p> <p><b>JONATAS:</b> Brasileiro mesmo costuma vir gente mais de Viçosa, Ubá, Ponte Nova, mas como Viçosa tem esse intercâmbio com outros países costuma vir também muito estrangeiro.</p> <p><b>FRANCESCO:</b> É, fazer trilha nunca é fácil, mas tenho vontade de fazer isso ... O panorama que se vê é belíssimo.</p>
<p><b>Entrevista Samuel:</b> <b>GC: Samuel Souza</b></p>	<p><b>SAMUEL:</b> Não esperava ser tão interessante escalar uma pedreira a mão livre... cansado não, disposto pra enfrentar mais um pouco a tarde.</p>
<p><b>Imagens Trilha</b></p>	<p><b>OFF 20 SHAYENE :</b> O PICO DO BONÉ TEM 1.870 METROS DE ALTURA, SEGUNDO INFORMAÇÕES DO IEF. ISTO É QUE VALE A APROXIMADAMENTE 15 ACAICAS, O PRÉDIO MAIS ALTO DE MINAS GERAIS, QUE TEM 120 METROS E SE LOCALIZA EM BELO HORIZONTE.</p>
<p><b>Imagens trilha</b></p> <p><b>Depoimento dos repórteres quando chegaram ao topo.</b></p>	<p><b>SOBE SOM: Octagon – Youtube áudio library</b></p>
<p><b>Imagens vista do Pico</b></p>	<p><b>SOBE SOM: The Woods – Youtube áudio library</b></p> <p><b>OFF 21 THALISON:</b> E É COM ESSA VISÃO MARAVILHOSA QUE NOSSA AVENTURA PELA SERRA DO BRIGADEIRO SE ENCERRA.</p> <p><b>SHAYENE:</b> UMA EXPERIÊNCIA INESQUECÍVEL, COM PESSOAS QUE LEVAREMOS PARA A VIDA, E HISTÓRIAS QUE SE ETERNIZARAM NA MEMÓRIA.</p>

<p><b>Corte de pés andando por caminhos diferentes.</b></p> <p><b>Imagem dos repórteres sentados no pico/ Frase Jon Krakauer</b></p> <p><b>FADE OUT</b></p> <p><b>Imagem repórteres caminhado para longe da câmera/ Créditos finais</b></p>	<p><b>THALISON: E TODOS QUE AQUI PASSARAM CONTINUAM SEGUINDO SEU PRÓPRIO XIMAN.</b></p> <p><b>SOBE SOM: The Woods – Youtube áudio library</b></p> <p>É nas experiências, nas lembranças, na grande e triunfante alegria de viver na mais ampla plenitude que o verdadeiro sentido é encontrado.</p> <p><b>SOBE SOM: SOUND BULLET - WHEN IT GOES WRONG</b></p> <p><b>Um filme de SHAYENE FERNANDES E THALISON OLIVEIRA</b></p> <p><b>Artes Gráficas ELIESEL TANADA SHAYENE FERNANDES E THALISON OLIVEIRA</b></p> <p><b>Auxiliar técnico NILTON DE OLIVEIRA</b></p> <p><b>Apoio CEAD – COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO ABERTA E A DISTÂNCIA POUSADA REMANSO</b></p> <p><b>Trilha Sonora MEDO DE SONHAR – CAZABUMBA SAUDADE DA GRINGA – 7MBRO WHEN IT GOES WRONG – SOUND BULLET</b></p> <p><b>Trilhas liberadas</b></p>
---	--

	<p><b>YOUTUBE AUDIO LIBRARY</b></p> <p><b>Orientação</b> <b>FELIPE MENICUCCI</b></p>
--	--



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

### AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM

Eu \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado \_\_\_\_\_ civil \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, profissão \_\_\_\_\_, cpf \_\_\_\_\_, rg. \_\_\_\_\_, residente  
à \_\_\_\_\_ cidade/uf \_\_\_\_\_, cep.  
\_\_\_\_\_, tel. (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_, doravante apenas “autorizador(a)”, venho, através da  
presente, **autorizar**, expressamente, a **Universidade Federal de Viçosa (UFV)** a reproduzir,  
publicar, veicular, citar e exibir meu nome, minhas declarações e/ou minha imagem no projeto  
experimental \_\_\_\_\_ **quantas vezes se fizerem**  
**necessários** e em todo território nacional e, eventualmente, no exterior, em meio impresso e  
eletrônico (internet), em local, edição, tamanho a serem definidos a exclusivo critério da autorizada.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer  
custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura



Universidade Federal de Viçosa  
Departamento de Comunicação Social  
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

### AUTORIZAÇÃO DE USO DE TRILHA SONORA

Eu \_\_\_\_\_, integrante da banda \_\_\_\_\_  
nacionalidade \_\_\_\_\_, estado \_\_\_\_\_ civil \_\_\_\_\_,  
profissão \_\_\_\_\_, cpf \_\_\_\_\_, rg. \_\_\_\_\_, residente à  
\_\_\_\_\_ cidade/uf \_\_\_\_\_, cep.  
\_\_\_\_\_, tel. (\_\_\_\_) \_\_\_\_\_, doravante apenas “autorizador(a)”, venho, através da  
presente, **autorizar**, expressamente, a **Universidade Federal de Viçosa (UFV)** a reproduzir, veicular,  
citar e exibir a música \_\_\_\_\_, no projeto experimental XIMAN  
CAMINHOS DA SERRA **quantas vezes se fizerem necessários** e em todo território nacional e,  
eventualmente, no exterior, em qualquer meio, em local, edição, tamanho a serem definidos a  
exclusivo critério da autorizada.

A presente autorização é fornecida em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer  
custo ou ônus, a qualquer tempo e título.

Viçosa, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

Assinatura